

Um conhecimento aforístico¹

An aphoristic knowledge

José Luiz Braga

jlbraga@via-rs.net

Professor Titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS

Resumo

O artigo se organiza em dois itens, para compor a heurística sugerida pelo título. O primeiro item, assumindo a escrita aforística como modo de pensamento e processo de produção de conhecimento, reúne suas características, referindo autores e observando obras em que o aforismo é tática de apreensão da realidade e oferta de encaminhamentos para a reflexão. O segundo item, tendo como base aquelas características, reflete sobre as condições do campo comunicacional, em que o modo aforístico parece ser produtivo para o desenvolvimento de inferências e para a busca de consistência – o espaço da comunicação como conhecimento aforístico.

Palavras-chave: aforismo, conhecimento aforístico, pensamento aforístico e comunicação.

Abstract

The article is organized in two items to compose the heuristic suggested by the title. The first item, assuming aphoristic writing as a mode of thinking and as a process of knowledge development, gathers characteristics of this process by referring to authors and studying works where aphorism is a mode of apprehending reality and provides a foundation for reflection. The second item, based on those characteristics, considers the conditions of the communication field, where the aphoristic form seems to be productive for the development of inference and for the search for consistency – spaces in which communication can be treated as an aphoristic knowledge.

Keywords: aphorism, aphoristic knowledge, aphoristic thinking and communication.

1. O modo aforístico

Antes de ser uma questão de ordem literária ou artística, o fragmento deve ser reconhecido como fato ou como fato de conhecimento (Charles e Oster, 2013; tradução nossa).

.1.

Os dicionários, tipicamente, informam “aforismo” por semelhança com “máxima”, “apoteagma”, “provérbio”, “adágio”. No dicionário Houaiss:

máxima ou sentença que, em poucas palavras, explicita regra ou princípio de alcance moral; apoteagma, ditado; texto curto e sucinto, fundamento de um estilo fragmentário e assistemático na escrita filosófica, ger. relacionado a uma reflexão de natureza prática ou moral.

O sentido é caracterizado pela forma (afirmação curta e concisa) e por sua ação afirmativa (uma “verdade geral” ou “definição”), que pode ser de ordem moral, literária, filosófica ou científica. Quando observamos, porém, os textos aforísticos escritos por autores como Hipócrates, Heráclito, Pascal, Schopenhauer, Nietzsche, Barthes, podemos inferir outras especificidades que distinguem o gênero.

¹ Este artigo foi apresentado no GT de Epistemologia da Compós, em 2014.

.2.

Se tomamos um aforismo isolado, pode não haver grande diferença de forma com relação a máximas, apogemas ou provérbios: todos seriam proposições mais ou menos rápidas, com pretensão de afirmar verdades sobre o mundo ou reger comportamentos. O *Twitter* também parece buscar similaridades com esse conjunto. Mas distinguir “aforismos” de “máximas” ajuda a esclarecer sentido e processos específicos do aforismo.

.3.

A máxima é código, o aforismo, inferência. Temos uso para ambos. A máxima pode corresponder a uma verdade geralmente aceita ou pode ser contestada. Mas tudo o que se pode fazer é dar acordo ou mostrar o erro. Um bom aforismo, evidentemente, pode também ser equivocado. Mas o que deve caracterizar o aforismo (à diferença das máximas) é seu valor heurístico. Não só concordaremos: podemos usá-lo como estímulo para novas inferências. Não apenas discordaremos: o próprio processo de buscar e evidenciar o erro irá além da argumentação polêmica, estimulando outras inferências, superadoras.

.4.

Uma mesma frase pode ser uma coisa ou outra. Quando um aforismo se torna “máxima” – adquire uma grande autonomia expressiva – perde um tanto de seu valor heurístico, para se tornar (forte demais, na sua independência) uma espécie de “verdade universal”. Véronique Klauber, citando Karl Kraus, considera que, “contrariamente à máxima que procura o verdadeiro, ‘o aforismo não coincide nunca com a verdade; é uma meia-verdade ou uma verdade e meia’” (2013; tradução nossa). De minha parte: a máxima é meramente explicativa; ou ainda, regra de conduta que dispensa maiores reflexões. Sem viço inferencial, pode ser apenas “código”, proposição circulante, com alto grau de reconhecimento pronto e redundante².

.5.

Jorge Wagensberg (2012) indica que o aforismo busca objetividade: dispensa, para seu entendimento, referência a contextos singulares, e trata de observações da realidade, assumindo esta como inteligível. Entretanto, isso não

² Francisco Paoliello Pimenta objeta que essa comparação (aforismos 2, 3, 4 e 19) não faz justiça à “máxima pragmaticista”, de C.S. Peirce. O colega tem razão. Constato dois sentidos da palavra. No sentido original, máxima corresponderia a *proposição maior* – direcionadora do pensamento, fundamentadora de derivações dedutivas, estimuladora da percepção (como na máxima de Peirce). É só no sentido que se tornou corriqueiro, de circulação intensiva, que se caracteriza como “verdade pronta”.

implica atribuir necessariamente ao aforismo um valor universal – mas apenas que o valor local do aforismo pode ser trazido por ele mesmo, em sua formulação. O que se pode dispensar no aforismo é um contexto *explicativo*. Dizendo o necessário para sua apreensão, o aforismo se compreende mesmo na ausência de um contexto referencial.

.6.

Os aforismos, isolados ou em conjunto, podem ser independentes de um contexto referencial estabelecido e de uma sequência dedutiva. Dois outros tipos de contexto, entretanto, devem ser considerados para a compreensão do processo: (1) o contexto de descoberta ou inferência (que pode não ser diretamente referido no próprio texto, devendo ser inferido); (2) o contexto que é produzido pelos próprios aforismos reunidos (e que é, assim, *consequência* da escrita aforística) – é o que denomino de *contexto de adjunção*. Desses dois contextos decorrem, integradamente, seu valor inferencial e seu valor heurístico.

.7.

O modo aforismo não deve ser confundido com o hipertexto.

Hipertexto diz respeito a sistemas de recuperação de informações. Exerce duas ações principais: contrapõe-se a uma linearidade padronizada como sequência de percurso entre informações e evita que sequências não lineares sejam constrangidas por árvores de classes e subclasses, predefinidas como caminhos possíveis de percurso.

Os processos de hipertexto permitem “manipular [...] complexos informacionais representados na tela por um símbolo gráfico” e, assim, possibilitam gerar “conexões associativas (hipertextuais) em bancos de dados ou entre documentos escritos por autores diferentes” (Wikipédia, “Hipertexto”, referindo concepção de Douglas Engelbert). O núcleo do conceito parece ser a sistemática que permite percursos alternativos sem a restrição de classes apriorísticas. Em vez da árvore, a disponibilidade equânime dos *links*. Observar, porém, que esses dois percursos se articulam em grande número de acervos informatizados.

.8.

A noção de “conexões associativas” é o elemento que pode relacionar os dois conceitos. O processo aforístico é um modo de pensamento que faz uso de conexões associativas voltadas para *produzir um conhecimento*. O hipertexto é uma tática de recuperação que viabiliza a produção de conexões associativas – e por isso mesmo é rico em possibilidades perceptivas, reflexivas e criativas. Mas o exercício dessas possibilidades depende inteiramente do usuário – pesquisador, artista ou *flâneur* – e dos usos que

faça dos acervos. O conhecimento não está no banco de dados, mas – eventualmente – nos usos feitos.

.9.

O conceito de aforismo que o assimila a máximas, provérbios e apotegmas enfatiza apenas seu aspecto isolado. Nesse caso, se trataria quase de sinonímia. Mas o que efetivamente importa na “escrita por aforismos” é sua reunião em torno de um tema ou de uma questão posta à reflexão. O aforismo isolado pode-se dizer autônomo porque expressa uma proposição compreensível *per se*, fora de qualquer contexto. Mas isso não significa que *todo o seu sentido* se realize nessa aparência isolada. A escrita de aforismos é um modo de pensamento; sua adjunção é um processo de produção de conhecimento.

.10.

O ponto forte do aforismo – diferente do que é enfatizado nos dicionários e na maior parte das caracterizações ou conceituações – não é o aspecto lapidar, a concisão de cada proposição isolada. Observamos em alguns autores que trabalham a forma aforismo (penso especialmente em Schopenhauer) que nem toda proposição apresenta aquela característica enfatizada pelos dicionários: formulação concisa. Há trechos bastante extensos, com vários parágrafos e mesmo páginas. Pode-se reconhecer, ainda assim, a lógica aforística do processo: no foco concentrado de cada elemento (sua “autonomia” de percepção); no modo de relação entre os diferentes elementos elaborados com alguma autossuficiência; na ênfase inferencial das percepções e no resultado heurístico da adjunção.

.11.

A escrita aforística procura, no processo de adjunção de percepções sobre o mundo, realizar duas potencialidades do pensamento:

Competência inferencial (ou de descoberta): refletir sobre um fenômeno para o qual não dispomos de conhecimento estabelecido, de teorias bem estruturadas, ou dispomos apenas de teorias que assumimos insuficientemente apreensivas e abrangentes;

Competência heurística: desenvolver proposições suficientemente perceptivas para oferecer uma ponta de fio de meada, fazendo perceber, no mesmo movimento, que há muito ainda que desenredar.

.12.

A acumulação de complementares estimula a competência heurística. A produção de “sinapses” de um ponto a outro, de reticulados que se referem sugerindo estrutura-

ções, pode produzir sentidos, conceitos, remissões, tensionamentos mútuos, sustentações inesperadas – que se mostram, então, com vigor e consistência tais que podem se oferecer como contexto reflexivo para outras percepções, experimentações e inferências sobre o mundo.

.13.

Wilson Correia faz duas proposições sobre aforismos, com pistas importantes:

Aforismo é um estilo de escrita que articula literatura e filosofia em um tipo de discurso em que a percepção do mundo³ é realçada pela expressividade da mensagem verbalmente econômica.

Longe de uma pretensão de verdade totalizante, o aforismo é apenas uma metodologia de expressão do pensar, razão pela qual ele exigirá do leitor que também pense (Correia, 2009).

“Percepção de mundo” e exigir “que o leitor também pense” são dois aspectos relevantes. A busca de concisão se justifica pelo objetivo da proposição aforística de se aproximar de *percepções imediatas* do mundo – à diferença de extensos encadeamentos reflexivos que levam, por deduções racionalmente elaboradas, à proposição que se quer defender. O passo inicial, no caso do aforismo, é enfatizar a afirmação pela perspectiva de que “é assim que eu percebo”. Correm-se, é claro, todos os riscos da inferência abductiva, da conjectura, do processo tentativo. Mas pode-se considerar que o produtivo, no aforismo, é a decisão de correr tais riscos. Esse é o espaço inferencial, de descoberta.

Exigir que o leitor pense não corresponde a uma sugestão de texto sibilino. Para que a exigência seja defensável, é preciso cobrar que o aforismo, exatamente porque conjectura, se ofereça por sua potencialidade heurística – e não como conceitualmente explicativa – sobre a realidade. Munido de um texto aforístico, eu como leitor devo poder exercê-lo para tentar *pensar a realidade*.

.14.

No Prefácio de “Aforismos para a sabedoria de vida”, de Schopenhauer, Jair Barboza (tradutor e apresentador) observa o uso da forma aforismo pelo autor:

Ao lado das grandes formas universais do filosofar, aparece doravante uma nova: junto com aquela meditativa do diálogo budista de doutrinação, e além do diálogo

³ O Dicionário Carlos Ceia também usa essa expressão: “discurso ligado à percepção do mundo” (verbetes “Aforismo”).

platônico, do tratado lógico-metódico dos escolásticos e da exposição dedutiva e sistemática de Kant, entra em cena, pela primeira vez, o aforismo como grande forma artístico-filosófica. De fato, foi Schopenhauer quem, por assim dizer, canonizou essa maneira de filosofar, com o objetivo estratégico de combater a linearidade lógico-expositiva, marca registrada de alguns sistemas filosóficos em voga no século XIX, como os de Fichte e Hegel. Com o aforismo, que encontra predecessores na forma fragmento dos pensadores românticos e mesmo entre os escritores moralistas franceses, Schopenhauer procurava conservar o calor e a originalidade das primeiras intuições, livres de quaisquer constrangimentos ligados à forma expositiva. [...] para transmitir suas ideias, mune-se de conceitos, porém sem se prender a eles, às meras palavras, pois sabe que o essencial são as visões por eles comunicadas (Barboza, Prefácio, 2009).

.15.

O viço inferencial e heurístico decorrente do pensamento que se organiza pela agregação de aforismos talvez se deva justamente à ausência de vínculos diretamente dedutivos entre eles. Na ausência de um vínculo formalizado com rigor racional, as articulações possíveis se tornam vagamente implicadas pelas angulações temáticas ou questionadoras, propiciando e solicitando um “olhar gestáltico” do leitor. O texto se torna interativo, viabilizando novas inferências, desenvolvimentos heurísticos, descobertas e contestações.

.16.

Há um aspecto “série” no conjunto de aforismos – diferente do processo “sequência” dos artigos mais habituais. Um aforismo começa e termina. O seguinte recomeça, em um lugar um pouco diferenciado, para dizer outro ângulo. Em vez de sequência argumentativa racional, de desenvolvimento conceitual, o conjunto procede por adjunção. Os ângulos acumulados parecem recompor, assim, o objeto analisado. É por isso que, em uma sequência de aforismos, uma mesma ideia pode reaparecer em deslocamentos parciais de sentido: é e não é a mesma, pois seu entorno imediato lhe dá tonalidades diferentes, sobre as quais será preciso, ainda, descobrir articulações e mesmo contradições.

.17.

A independência contextual dos aforismos faz com que eventualmente sua elaboração seja referida como “escrita em fragmentos”.

Donatella Morea (2006) observa, porém, que “no quadro da escrita nietzschiana [...] o fragmento deve ser considerado como uma anotação, uma forma provisória [...] um escrito que espera para ser transcrito e reelaborado mais tarde no estilo que será dado ao público”.

Fragmentos consolidados encontram na adjunção uma superação da condição fragmentária. Essa observação confirma nossa constatação (de resto, bastante evidente em autores que adotam o modo aforístico) de que o isolamento das afirmações é relativo. É pelo conjunto que ressoam e se desenvolvem os sentidos de maior alcance – e nesse conjunto a proposição já não é “fragmento” isolado, mas parte componente.

.18.

O alinhamento de aforismos faz com que uns repercutam sobre os outros. É uma forma de organização do pensamento: certamente há relações entre os vários aforismos agregados, às vezes de modo bastante evidente, às vezes mais tentativo.

Evitar relações estritamente dedutivas não é (ou não deve ser) um truque literário. A dedução não pode comandar o processo porque as relações são mais complexas do que o capturável por alguns passos dedutivos; porque o autor apenas pressente as relações, sem conseguir efetivamente apreendê-las; ou ainda porque se tem apenas uma expectativa de articulações – a adjunção é que as viabilizará. Mas o autor busca a adjunção como um processo gerador e modificador de sentidos – nas duas direções, da intuição sobre o fenômeno e das consequências heurísticas de sua proposição.

.19.

Em Nietzsche, a proposição “o que não me mata me fortalece” é um aforismo. No contexto de adjunção que compõe “O crepúsculo dos ídolos” (1908 [1888]), seu sentido pleno se evidencia como inferência feroz e fulgurante – pela lógica associativa que constitui com os demais aforismos e com o próprio título da obra.

Justamente porque a frase pode oferecer certa autonomia expressiva, sua separação dos contextos de descoberta e de adjunção a torna facilmente ajustável a qualquer contexto referencial em que seja dita. Na generalização recente, em que tem circulado na sociedade, torna-se apenas máxima: uma espécie de “verdade universal” aplicável a qualquer situação pertinente como fórmula praxiológica confortadora. O sentido de uma máxima é ser o estágio de aceitação acrítica de uma proposição.

.20.

O processo aforístico é tentativa como o próprio pensamento. Não pensamos naturalmente por uma lógica estruturante pronta – ao escrever é que organizamos o pensamento, damos sequência, coerência lógica, polimento – e buscamos assegurar consistência. Se escrevemos de modo estruturado e sequencial, lastreando a reflexão em bases dedutivas sólidas, sai-nos um artigo ou livro bem sistematizado. Mas se as ideias são ainda imprecisas ou estão próximas do momento da intuição⁴, é melhor evitar uma aparência tão “finalizada”. Essa finalização resultaria impositiva ou restritiva de desenvolvimentos posteriores e falsamente segura em sua aparência de verdade.

.21.

O processo aforístico é produtivo quando se desenvolve a contrapelo de modos de encaminhamento muito canônicos – quando os cânones podem restringir e limitar o pensamento. Jair Barboza (2009) assinala em Schopenhauer “o objetivo estratégico de combater a linearidade lógico-expositiva” e a busca de “conservar o calor e a originalidade das primeiras intuições, livres de quaisquer constrangimentos ligados à forma expositiva”.

.22.

O aforismo é um processo adequado a um momento de crise na sistematicidade de um conhecimento ou pensamento filosófico que antes avançava por desenvolvimento continuado sobre bases bem estabelecidas. Donatella Morea (2006) considera que em Nietzsche, como forma expressiva, “o aforismo deriva da tomada de consciência filosófica da impossibilidade de sistema” (tradução nossa).

.23.

O modo aforístico é um espaço de produção de conhecimento em que as bases e fundamentos não existem (ou não existem ainda) de modo sistematizado. Blaise Pascal “começava por tomar notas muito curtas [...] a partir desse esboço, redigia textos mais desenvolvidos, seja para ampliar um ponto particular, seja para construir um movimento de argumentação completa” (Descotes e Proust, 2011; tradução nossa).

As “Pensées”, publicadas postumamente, já apareciam nos manuscritos de Pascal reunidas em dossiês correspondentes a campos de reflexão – tendo, portanto, uma orga-

4 Adolphe Bossert (2011, p. 158) cita Schopenhauer sobre “intuição”: “A primeira manifestação da inteligência, sua manifestação mais simples e mais comum, é a intuição do mundo real”. Em nossa leitura, esse momento da intuição corresponde, de perto, ao processo da inferência abdutiva como gesto de inteligência das coisas.

nização em curso, voltada para o passo seguinte, da adjunção. Mesmo sendo, a rigor, reuniões de fragmentos⁵, as publicações da obra, desde a edição de Port Royal, promovem sentidos – ou buscam o que seria o sentido original do conjunto – pelas adjunções que fazem. O próprio fato de vários organizadores elaborarem diferentes adjunções evidencia linhas de força que permitem associar, como um reticulado de sinapses, aforismos às vezes distantes entre si no momento da produção.

.24.

Outro espaço de adequação do processo aforístico é a situação em que os conhecimentos estão ainda perto do exercício prático, dependendo de percepções muito próximas da observação imediata reiterada – apenas confirmados pela própria prática; mas procuram se elevar para além da mera reiteração, requerendo, portanto, formulações e uma adjunção que possam expressar o que a experiência empírica demonstra. É o que observamos nos *Aforismos* de Hipócrates. Charles-Victor Daremberg (1844) assinala que, em reorganizações posteriores dos *Aforismos*, diversos autores tentam caracterizá-los conforme o método moderno, descritivo e mais abstrato, mas que isso faz perder o sentido do Hipócrates original, que se demarca pela busca de uma organização prognóstica e prescritiva. Sua própria adjunção e a circulação, no momento histórico, foram os primeiros passos para uma visão de abrangência a partir da prática testada.

.25.

Algumas das obras mais instigantes de Roland Barthes, como “Le plaisir du texte” ou “Fragments d’un discours amoureux”, trabalham a forma aforismo. Sandra von Tiesenhausen observa, em sua tese de doutoramento, que “Barthes já renunciava a nova feição da leitura [...] materializada na perspectiva de uma produção”. Refere nesse aspecto o autor, que propõe escrever se mostrando “em estado de enunciação” (2013, p. 18).

Uma das características possíveis da escrita aforística é justamente essa exposição “em estado de enunciação”, que compartilha as intuições em processo como oferta para a leitura em produção.

.26.

Para o pensamento de Heráclito, em um período inaugural da filosofia, entre os pré-socráticos, o aforismo convém. O texto faz na forma o que afirma na substância.

5 Voltaire afirma estar “convencido de que [Pascal] teria, ele mesmo, corrigido muitos de seus Pensamentos, que tinha lançado ao acaso sobre o papel para examinar depois” (Voltaire, [1734]).

Partindo da intuição originária, que é a crença “na existência de algo primordial e unitário que persiste e explica a contínua transitoriedade manifestada pelas coisas da experiência” (Santos, 1990, p. 1), princípio que não pode ser imóvel, Heráclito exerce essa intuição como heurística para perceber todas as coisas. Com sua diversidade, e sem poder modalizar, ponderar circunstâncias, distinguir escalas (pois isso virá lentamente com os séculos), o que se faz é expressar as percepções reunidas, evidenciando, pela adjunção e em cada aforismo, as transformações constantes. Os contrários se resolvem, se unificam pela própria copresença na reflexão e se justificam, superando a contradição, como momentos em uma duração na qual nada é imóvel ou permanece idêntico a si mesmo. Por exemplo:

O fogo vive a morte do ar e o ar vive a morte do fogo; a água vive a morte da terra, a terra, a da água (76).

É a mesma coisa em nós, o que é vivo e o que é morto, o que está acordado ou o que dorme, o que é jovem ou o que é velho; os primeiros trocam de lugar e se tornam os últimos, e os últimos, por sua vez, trocam de lugar e se tornam os primeiros (88).

É a doença que torna a saúde agradável; o mal, o bem; a fome, a saciedade; a fadiga, o repouso (111) (Heráclito, 2010; tradução nossa, da tradução francesa).

O modo aforístico de adjunção é uma possibilidade de inteligência conjunta de coisas aparentemente dispersas.

.27.

A originalidade de cada autor no acionamento do modo aforístico é mais profunda e complexa do que uma referência rápida permite mostrar. Mas a observação conjunta permite perceber elementos comuns em sua diversidade: não há sistema anterior estabelecido para dizer o que se precisa dizer, que ofereça critérios de validade rigorosos e que mostre o melhor caminho. O texto se faz – e se mostra – no gesto mesmo da percepção, na conjectura, no processo de enunciação, no estado em que a reflexão se elabora. Busca suprir o que não há – uma base larga e já dada que fosse suficiente para lhe dar sustentação.

O processo se apresenta, então, como *construtor de ideias* – pois, antes de uma formulação avançadamente formalizada, podem se pôr em circulação heurísticas compartilhadas e, assim, oferecê-las ao processo agonístico.

.28.

O modo aforístico é promissor se, de um corpo de conhecimentos produzidos em processo de *ciência normal* (Thomas Kuhn), se pretende, diferente de dar continuidade a essa ciência, desentranhar percepções que

se destaquem do acervo estabelecido⁶. Para o desentranhamento, os processos muito dependentes da dedução são pouco produtivos, pois tendem a entretecer as descobertas na trama já tecida pela ciência normal, retendo-as, portanto, no âmbito do pensamento sistematizado anterior. Essa vinculação talvez não impeça radicalmente o desentranhamento, mas impõe direções que podem ser restritivas para uma experimentação mais desafiadora.

2. Um conhecimento aforístico

Cada documento é um fragmento de realidade que, de algum modo reunido a outros, funda um saber que, entretanto, permanece parcial e que, por sua vez, outros fragmentos virão alimentar (Charles e Oster, 2013;- tradução nossa).

.29.

Não há ciência normal em Comunicação⁷.

.30.

Quando fazemos perguntas dentro de um ambiente de ciência normal, contamos com a possibilidade de obter respostas segundo os processos e encaminhamentos estabelecidos pelas teorias abrangentes dessa ciência. As respostas, mesmo sendo “conhecimento novo”, serão incluídas na disciplina estabelecida, que evidentemente não é cristalizada: move-se. Seus conhecimentos se desenvolvem, se ampliam, se aperfeiçoam. Mas podem sempre ser tecidos, sem excessivas tensões ou esgarçaduras, no corpo principal estabelecido.

.31.

Se por uma razão qualquer nos afastamos ou queremos nos afastar do espaço próprio de produção de uma ciência normal, para desentranhar daí um conhecimento ainda pouco explícito, inevitavelmente faremos perguntas que não podem ser respondidas segundo aquelas premissas estabelecidas. Se puderem ser respondidas, apenas fornecerão as respostas que ali se entretecem. Seriam constringidas pela lógica da continuidade.

⁶ Lembrar que o sentido grego de “aphorismós” é “separar” (o que implica definir pela distinção).

⁷ A afirmação não corresponde a uma postura anticientificista. Significa apenas que não vejo, hoje, nos estudos da Comunicação, aquilo que Thomas Kuhn chama de *ciência normal* – um corpo relativamente estabilizado de conhecimentos, teorias, métodos, que permitem manter um compasso de descobertas e de avanço do conhecimento dentro de seus padrões. Mas a ciência não é feita só disso (vide Karl Popper, e o próprio Kuhn, para os âmbitos científicos não normalizados).

.32.

Se se quer imaginar possível a obtenção de outras respostas (voltadas para o desentranhamento), é preciso munir-se de outros processos e encaminhamentos, justamente não testados pela ciência normal. Isso comporta riscos, mas não significa que entramos em território selvagem. Se fazemos uma pergunta que não dispõe de padrões de encaminhamento, ainda assim encontraremos respostas que, mesmo incertas, são movidas pela inteligência das coisas – do singular observado, das relações percebidas entre fenômenos e conceitos, das hipóteses que se oferecem. As respostas tentativas decorrem, com maior ou menor convicção, da própria situação indeterminada que gerou a pergunta.

.33.

O fato de que essas percepções, tentativas, possam ser reunidas, cotejadas, que se possam buscar articulações, produzir tensionamentos, enfrentar contradições, este é o processo experimental que – na ausência de teorias estabelecidas “em ciência normal”, de fundamentos ontológicos e de critérios prévios de verificação – permite que as proposições sejam, no trabalho mesmo da adjunção, postas a teste. Não para dirimir certos e errados, mas para fazer surgir do próprio tensionamento ainda outras inferências e heurísticas, que podem aperfeiçoá-las ou levar à sua superação.

.34.

Uma macroteoria de conhecimento comunicacional seria de ordem sequencial, argumentativa, de consistência racional no seu conjunto, explicativa. Seria certamente estimulante encontrar (ou produzir) tal processo reflexivo abrangente no campo da comunicação. Mas não percebemos processos, nessa direção, que até o momento tenham conseguido dar conta da diversidade de proposições e questões solicitadas pelo fenômeno comunicacional em sua complexidade.

.35.

Em uma lógica de teorização abrangente, seria elaborada uma reflexão encarregada de dirimir ou superar as contradições, de fazer as “costuras” e construir a coerência geral que se pode cobrar da grande teoria. Mas na complexidade do desbravamento atual, uma pretendida teoria geral da comunicação faria cessar a exploração em muitos âmbitos em que esta não deve cessar, ou seria rapidamente ultrapassada por essa experimentação.

.36.

O que a área está fazendo, em vez de esperar por essa teoria, é um acúmulo formidável de olhares angulados por toda uma variedade de objetivos, de objetos preferenciais, de fundamentos diversos, de táticas investigativas, de interlocuções. Nesse sentido, a estratégia da área, em sua produção de conhecimento, parece ser de ordem fragmentária.

.37.

Esses “fragmentos” não estão certamente soltos no espaço, em estado isolado: se entretecem no corpo das ciências normais que têm se preocupado com o fenômeno comunicacional – sociologia, estudos da linguagem, etnografias, psicologia, etc. Ou então vêm se organizando em áreas de interesse internas ao campo da comunicação, produtivamente se articulando em função de seus temas. Entretanto, é mais raro que se tente articular tais subconjuntos com “o campo da comunicação”. Este aparece antes como uma referência no horizonte.

Se adotamos o ponto de vista do *conhecimento comunicacional* como busca de consistência, esses conjuntos diversos serão, apesar de suas agregações setoriais, vistos como fragmentos. Isso corresponde a assumir que todas as proposições que apreendem aspectos do fenômeno comunicacional *se encontram em estado de fragmento*.

.38.

Se as pesquisas sobre Comunicação, conceitos, teorias, percepções sobre o fenômeno e processos heurísticos podem efetivamente se desenvolver em padrões de multiplicidade de aspectos (gerando uma topografia lacunar mas produtiva sobre o fenômeno), torna-se necessário, correlatamente, perguntar se essa geração de fragmentos é positiva e produtiva em si – por sua própria ocorrência; ou se os fragmentos, ainda que localmente pertinentes, se desencontram na indiferença; ou só se encontram como contradição.

.39.

A própria pergunta deixa implícito que a tendência mais evidente é a do desajuste, da indiferença ou da sobreposição contraditória entre os processos e conhecimentos produzidos. Não podemos acreditar em uma *virtude em si* do fragmento. É preciso complementar com outro passo, articulador: fazer conversar proposições que, embora buscando apreender um mesmo fenômeno, partem de perguntas, objetivos, teorias, procedimentos investigativos diversamente originados.

.40.

Queremos transcender o fenômeno comunicacional imediato e intuir o que o move. Mas o fenômeno é complexo e multifacetado demais para ser apreendido por um só olhar abrangente. O que fazemos todos é tentar ver o que está um pouco atrás de cada manifestação do fenômeno, perceber as lógicas próprias, específicas do episódio comunicacional ou conjunto de episódios – que vamos montando com base nas teorias disponíveis, nas ocorrências variadas, nas intuições da inteligência, nas pesquisas empíricas.

Percebo, na diversidade de ângulos expostos pela área, o interesse e a validade dessa oferta – o que ao mesmo tempo me encanta pelo que aí aprendo e preocupa pela dificuldade de relacionar a variedade do que é oferecido.

É por isso mesmo – por essa diversidade – que não é possível dar, de antemão, adesão plena a algumas percepções sobre outras sem um exame mais acurado do que nossa construção intelectual atual tem permitido.

.41.

É pela adjunção – mutuamente tensionadora das mais diversas proposições – que se podem esperar aprofundamentos, assim como a lenta constituição de um tecido que venha a desenvolver tramas mais densas em alguns pontos. As características observadas no processo aforístico de conhecimento parecem ser, justamente, adequadas tanto para enfrentar a complexidade do fenômeno como para encaminhar o pensamento, buscando consistência na produção do conhecimento.

.42.

Não proponho que passemos, todos e a cada texto, a escrever por aforismos. Para além da forma (um texto em aforismos), o que queremos enfatizar é o processo aforístico como modo de pensamento e processo de conhecimento. Donatella Morea, em sua tese sobre Nietzsche e o aforismo (2006), depois de observar o período de produção em aforismos do autor entre 1878 e 1882, observa nas obras posteriores “uma escrita que se relaciona ainda, em grande parte, à *reflexão aforística*” (grifo no original).

A contribuição do modo aforístico de conhecimento corresponde a assumir possibilidades relacionais entre as diversas proposições que a área vem produzindo em ensaios, reflexões teóricas e pesquisas a respeito do fenômeno comunicacional – de tal forma que não se pretendam verdades superiores a outras, inferidas em outros ângulos e sobre outros aspectos, nem se somem meramente ao corpo de uma ciência normal dentre as CHS.

.43.

Eventualmente, será possível descartar, substituir, subsumir determinados ângulos de validade em favor de percepções mais abrangentes ou mais articuláveis. Trata-se, sem novidade, da questão de Karl Popper sobre o exame de conjecturas através do gesto da “verificação”. Mas não se trata aqui das verificações indutivas das ciências naturais, em que o encontro de um “caso em contrário” invalida uma proposição teórica (uma conjectura). O âmbito de conhecimentos em ciências humanas e sociais é mais sutil – porque a validade da regra, sendo histórica, não é universal como nas ciências naturais.

.44.

O problema que se coloca, então, é o de como testar as conjecturas – não apenas variadas em sua substância, mas também pelos modos diversos com que tentam “elaborar” o fenômeno comunicacional, nos aspectos mais diretamente observados e na abrangência que se organiza em torno desses aspectos.

.45.

“Testar” é diferente de “verificar”. Na verificação, confirma-se, sim ou não, uma previsão a partir de observações empíricas e pensamento indutivo. Testar, pelos procedimentos aqui referidos e com os objetivos de composição que devem ser construtivos para o conhecimento em comunicação, implica ver até onde uma percepção mantém sua validade; experimentar sua elasticidade para outras situações; fazê-la tensionar e ser tensionada por outras proposições para ver como se compõem. Se se podem relacionar, subsumir, ajustar mutuamente. E, sobretudo, se podem gerar outras e outras proposições mais abrangentes, que delas façam casos particulares.

.46.

O problema da área não é o de definir dentre os ângulos de sua estimulante diversidade quais as linhas “verdadeiras”, quais irrelevantes. Isso é o que seria fornecido por uma teoria abrangente, com seus critérios estabelecidos de validade. O processo aforístico sugere, ao invés:

- apreender a amplitude e as condições de validade de cada oferta; e
- articular essas diferentes “validades locais” em um tecido mais ou menos firme, condensando ou relacionando o conjunto.

O tensionamento da adjunção deve evidenciar as proposições de maior alcance e abrangência, e as que se limitem a constatações muito singulares.

.47.

Uma das atribuições que podem ser assumidas pelos pesquisadores da área que se preocupam com o conhecimento comunicacional – sua produção, seus processos, suas metas – seria justamente esse esforço de estar atento à diversidade de aspectos do fenômeno.

Isso pode ser feito pelo pesquisador diretamente em seu trabalho de questionamento, observação, descrições e inferências sobre a realidade; ou como trabalho de segundo grau, sobre as intuições produzidas pela área, testando-as pelo trabalho de adjunção, produzindo tensionamentos, desenvolvendo ainda outras inferências e heurísticas, mais abrangentes.

.48.

O aforismo, como modo de pensamento e processo de conhecimento que pode ser trabalhado no campo da comunicação, implica uma tripla convicção:

- que uma inferência tentativa faz efetivamente sentido *no seu contexto de descoberta*;
- que a abrangência do sentido depende dos contextos de adjunção em que se inscreva, nos quais obtém a dimensão mais apropriada e a validade de seu alcance efetivo;
- que o tensionamento entre perspectivas diversas tem a possibilidade de estimular perguntas e desafios geradores de inferências crescentemente abrangentes.

A reflexão aforística pode ter, então, a pretensão de ser um processo pertinente para a construção do conhecimento sobre o fenômeno da comunicação.

.49.

Um dos Pensamentos de Pascal é particularmente significativo para uma apreensão do modo aforístico:

Como não se pode bem perceber o caráter de uma pessoa senão fazendo concordar todas as suas contrariedades; [...] assim também, para entender o sentido de um autor, é preciso fazer concordar todas as partes contrárias.

*Todo autor tem um sentido, com o qual todas as partes contrárias concordam; ou ele não tem nenhum sentido (Pascal, *Édition de Port Royal, Chapitre 14. Edition E-book; tradução nossa*).*

A expressão “contrariedades”, no texto de Pascal, refere-se a *coisas que se contrapõem entre si*. A busca de percepções com alguma abrangência sobre o fenômeno comunicacional pode ser vista, também, nessa perspec-

tiva. Tentar inferir os sentidos que possam decorrer de aspectos que se contrapõem, compreendendo suas condições específicas e o alcance da cada percepção, é o que permite desenvolver proposições mais abrangentes.

.50.

Uma característica relevante do processo aforístico como modo de pensamento é que a escrita – o ato de escrever – ganha dimensão de método. “Método”, aqui, evidentemente não significa previsão de caminho a ser feito para chegar a um ponto pretendido. Significa, antes, experimentação de processos – de caminhos – anotando os percursos que pareçam encaminhar melhor para lugares que se evidenciam, lá chegando, como interessantes para compor a paisagem; e que por isso mesmo pedem ainda reescrita nesse trabalho de composição.

Na reflexão aforística, ao reverso de fazer o texto para informar o conhecimento posto, rastreia-se o conhecimento pela escrita.

Referências bibliográficas**A. Autores citados**

- ALVES DOS SANTOS, Maria Carolina. 1990. A lição de Heráclito. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 13:1-9.
- BARBOZA, Jair. 2009. Prefácio. In: SCHOPENHAUER. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Obra traduzida e anotada por Jair Barboza. Martins Fontes, São Paulo, p. IX-XVIII.
- CHARLES, Daniel; OSTER, Daniel. Fragments, littérature et musique. In: *Encyclopædia Universalis* on line. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/aphorisme-genre-litteraire/>. Acesso em: jan. 2014.
- CORREIA, Wilson. 2009. O que é um aforismo? In: Recanto das Letras. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/1671369>. Acesso em: nov. 2013.
- DAREMBERG, Charles-Victor. 1844. Introduction aux aphorismes. In: Charles-Victor DAREMBERG. *Hippocrate, Aphorismes – ΑΦΟΡΙΣΜΟΙ*. Paris, Charmentier Ed. Disponível em: <http://remacle.org/bloodwolf/erudits/Hippocrate/aphorismes.htm>. Acesso em: jan. 2014.
- DESCOTES, Dominique; PROUST, Gilles (orgs.). *Les pensées de Blaise Pascal*. Site criado em 2011, com edições e estudos sobre os Pensamentos de Pascal. Disponível em: <http://www.pensees-depascal.fr/index.php>. Acesso em: dez. 2013.
- KLAUBER, Véronique. Aphorisme, genre littéraire. In: *Encyclopædia Universalis* on line. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/aphorisme-genre-litteraire/>. Acesso em: jan. 2014.
- MOREA, Donatella. Position de thèse. Texto de apresentação da tese de doutoramento *Nietzsche et l'aphorisme*, perante banca de arguição. Universidade de Paris 4, Centre Malesherbes. Disponível em: <http://www.paris-sorbonne.fr/article/nietzsche-et-l-aphorisme>. Acesso em: dez. 2013.
- SANTOS DE SOUZA, Maria Cristina. 2008. O fragmento e o aforismo: a expressão do pensamento da natureza tanto para os poetas românticos alemães quanto para Nietzsche. *Revista Trágica: Estudos de Nietzsche*, 1(1):76-83, 1º sem.

- VOLTAIRE. Vingt-cinquième Lettre – Sur les Pensées de M. Pascal. *Lettres Philosophiques*, [1734]. Disponível em: <http://www.inlibroveritas.net/lire/oeuvre820-chapitre612.html>. Acesso em: jan. 2014.
- VON TIESENHAUSEN, Sandra. 2013. *Leitor e leitoras – narrativas do barroco e suas interfaces educativas*. Brasília, DF. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, UnB.
- WAGENSBERG, Jorge. Aforismos: el género literario más científico. Palestra em *Parque Explora* em setembro de 2012. Vídeo no Youtube. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mvokB8Febcc>. Acesso em: nov. 2013.

B. Obras observadas

Os textos a seguir foram estudados como observáveis empíricos – para apreender acionamentos do processo aforístico pelo autor. A partir dessa observação foram inferidas várias das características que, em nossa leitura, demarcam processos da escrita aforística.

- BARTHES, Roland. 1973. *Le plaisir du texte*. Paris, Éditions du Seuil.
- HERÁCLITO. 2010. Edição trilingue, em grego clássico, francês e inglês dos aforismos de Heráclito. [Título original não é conhecido]. Site Philoctetes (textos clássicos em grego e latim, com traduções em francês, inglês e alemão). Disponível em: <http://philoctetes.free.fr/heraclite.htm>. Acesso em: jan. 2014.
- HIPÓCRATES. 1844. *Aphorismes*. Texto em grego, acompanhado de tradução em francês, com notas de Charles-Victor Daremberg. In: Charles-Victor DAREMBERG, *Hippocrate, Aphorismes – ΑΦΟΡΙΣΜΟΙ*. Paris, Charmentier Ed. Disponível em: <http://remacle.org/bloodwolf/erudits/Hippocrate/aphorismes1.htm>. Acesso em: jan. 2014.

NIETZSCHE, Friedrich [1888]. 1908. *Le crépuscule des idoles*. Tradução para o francês por Henri Albert. Paris, Mercure de France. Edição Kindle.

PASCAL, Blaise. *Pensées*. E-book a partir da Edição de Port-Royal [1670]. Disponível em: <http://www.bouquineux.com/index.php?telecharger=905&Pascal-Pensees>. Acesso em: jan. 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. 2004. *A arte de escrever*. Porto Alegre, L&PM Editores.

SCHOPENHAUER, Arthur. 2009. *Aforismos para a sabedoria de vida*. São Paulo, Martins Fontes.

C. Dicionários consultados

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS da Língua Portuguesa 1.0. Verbete “Aforismo”. Edição em CD. Rio de Janeiro, Editora Objetiva.

E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS de Carlos Ceia. Verbete “Aforismo”. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=495&Itemid=2. Acesso em: nov. 2013.

OXFORD DICTIONARY OF ENGLISH. Verbete “Aphorism”. Edição Kindle.

WIKIPÉDIA. Verbete “Aforismo”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aforismo>. Acesso em: dez. 2013.

WIKIPÉDIA. Verbete “Hipertexto” (referindo concepção de Douglas Engelbert). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>. Acesso em: dez. 2013.

Artigo enviado em 13/06/2014.